

Trégua no mercado

BIANCA DEO

O mercado financeiro viveu ontem um dia de trégua. Depois de uma sequência de pregões negativos, as bolsas americanas se recuperaram, abrindo espaço para uma melhora generalizada no mercado interno: a Bovespa subiu 4,26% e as taxas de juros e câmbio caíram significativamente, retornando aos patamares anteriores ao reajuste da taxa de juros americanas, promovido pelo Federal Reserve na terça-feira passada.

Em Nova Iorque, o Dow Jones ganhou 1,08% e o Nasdaq, onde se cotizam as ações das empresas de Informática, avançou 3,35%. Esse movimento animou a bolsa paulista: os investidores voltaram ao pregão e aproveitaram para recomprar os papéis que ficaram atrativos após uma semana de baixas. Com isso, o volume negociado na Bovespa chegou a R\$ 813 milhões, batendo sua maior marca no mês. "A Nasdaq deixou o mundo respirar hoje, diminuindo a pressão sobre os mercados emergentes", disse o diretor da área de risco de mercado da Corretora Boavista, Carlos Guzzo.

Esse reflexo foi logo percebido nas cotações dos títulos das

dívida externa brasileira no mercado internacional. Sensível à percepção de risco dos investidores estrangeiros, os C-bonds – os papéis de maior liquidez no exterior – subiram de 67% para 68,37% ao longo do dia.

O mercado de câmbio, por sua vez, viu a liquidez aumentar. Logo pela manhã, um banco pôs a venda um lote maior de dólares, provocando o recuo das cotações e levando outros bancos a devolverem ao mercado parte dos dólares que vinham carregando em suas carteiras. Com isso, a moeda americana caiu até R\$ 1,8410 e voltou a subir para fechar nos mesmos níveis da véspera, a R\$ 1,8537.

Sem grandes pressões, as taxas de juros também cederam. Os contratos de swap (troca de taxas) de um ano caíram de 21,90% para 21,50%. As projeções de prazos mais curtos acompanharam a tendência na Bolsa de Mercadorias & Futuros. Os contratos para outubro, que concentram o maior volume de negócios passaram de 22,06% para 21,40%.

"O mercado passou por um ajuste hoje bastante saudável," disse o chefe de derivativos do Lloyds Bank, Maurício Zanella.